

APRESENTAÇÃO

Os problemas sobre a tradução e a recepção dos textos clássicos atravessaram a Antiguidade e chegam até os nossos dias. Desde que os autores gregos se tornaram um problema editorial para os bibliotecários de Alexandria, passando pelos imitadores e livreiros romanos até chegarem às primeiras edições impressas no Renascimento, ou, ainda hoje, quando, em alguma versão vernácula inédita, seguem por e-mail para o parecer de algum editor contemporâneo, foram/são instaurados inúmeros métodos e práticas de recategorização, crítica e reinvenção do legado clássico.

Buscando reunir e qualificar o debate sobre essas questões, esta edição n. 45 de *Itinerários: Revista de Literatura* recebeu inúmeras contribuições na seção temática proposta, “Letras Clássicas: tradução e recepção”. Os textos aqui reunidos, portanto, apresentam e discutem gestos receptivos e tradutórios, seja no contexto da própria Antiguidade clássica (Grécia e Roma antigas), seja na sua transmissão em diferentes línguas, épocas e lugares.

Diante da multiplicidade de abordagens e da diversidade de enfoques tratados, a tarefa do editor, gratificante pela quantidade e qualidade dos 15 artigos selecionados, foi também árdua em face da dificuldade de se estabelecer contornos de afinidades entre os textos que pudessem sinalizar algumas perspectivas atuais de recepção e tradução no nosso meio literário e acadêmico. Evidentemente as perspectivas sinalizadas aqui expressam uma tentativa – um tanto arbitrária, diga-se – de disposição das discussões ensejadas pelo tema de nossa chamada. Ao leitor é facultado efetuar a leitura dos textos segundo seus próprios interesses ou, se for de sua vontade, acompanhar a ordem de artigos de acordo com as subseções que enfeixam três perspectivas de recepção/tradução, sob o signo da **Voracidade**, da **Urbanidade** e da **Alteridade**.

Voracidade

Receber o estrangeiro de modo a degluti-lo sob o influxo linguístico, político e cultural da língua/cultura de chegada é o que ensinam os primeiros cinco textos desta subseção, reunidos pela perspectiva de sua Voracidade entendida como “grande atividade ou impetuosidade em consumir, subverter ou tragar” (na terceira acepção do *Caldas Aulete*). Esses textos testemunham um viés de recepção que vem sendo gestado em contexto brasileiro ao menos desde 1922, mas, no recorte dos cinco artigos que o compõem, envolvem um espectro temporal que vai dos anos 1980 até o presente.

O artigo que abre a subseção Voracidade, de autoria de Rodrigo Tadeu Gonçalves, da Universidade Federal do Paraná, está escrito em inglês, porque é, ele mesmo, uma tradução para o público anglófono de uma das vertentes – defendida por inúmeros tradutores e estudiosos contemporaneamente – de recepção brasileira da Literatura Clássica, aquela que retoma produtivamente a ideia de antropofagia, tal como ensejada no *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade, e como reenunciada produtivamente tanto por Haroldo como por Augusto de Campos. De certo modo, este artigo constitui-se igualmente como um manifesto do próprio latinista-performer-e-tradutor, em um momento em que a dignidade e o humanismo levam a muitos de nós a resistir, em favor de uma visão da literatura clássica politizada, combativa, libertária e atenta à polifonia pós-utópica das ruas, em que o antigo e o novo, como (re)cobra em seu ensaio, “ao largo do princípio da não-contradição vêm simultaneamente, unificando num só ser, predador e presa”.

Há traços da cena antropofágica subjacente às *Bacantes* de Zé Celso Martinez Correa, sob análise na primeira parte do texto de Gonçalves, no artigo que o segue, “*A Glauberiana*, um coro trágico de *Édipo*: do mundo antigo ao Brasil tropical”, de autoria da professora Renata Cazarini de Freitas, da Universidade Federal Fluminense. Através de um singular trabalho de pesquisa da história da encenação de *Édipo*, de Sêneca-Sófocles-Ted Hughes-com lampejos de Glauber Rocha, levada a cabo por Renato Borghi à frente da trupe Teatro Promísco, Freitas oferece uma aguda análise dos meandros da “tropicalização” de um texto dramático na metade da década de 1990, ensejando discussões produtivas sobre a natureza da recepção ativa e renovadora de um texto clássico. Cotejando manuscritos inéditos da tradução da peça e documentos de sua encenação, essa colaboração a esta seção temática tem a virtude de explorar criteriosamente os textos primários que respaldam a adaptação em tela e, por isso, oferece dados valiosos para uma metodologia da adaptação de um texto clássico em pleno Brasil de Fernando Henrique Cardoso.

Ainda na perspectiva da máxima interação entre obra de arte estrangeira e seu presente local e imediato, segue-se o artigo “Sócrates em Wall Street. Os Parlapatões e a recepção da comédia aristofânica no início do governo Lula”, da professora livre-docente da Universidade de São Paulo, Adriane da Silva Duarte. A partir de uma análise do contexto de produção da adaptação, de seu texto e paratextos, Duarte apresenta uma leitura da peça com acentuado rigor metodológico e informativo, que certamente pode ser tomada como paradigma desse tipo de trabalho entre nós. Como já ocorrera com o *Édipo*, sob análise no artigo de Freitas, a contaminação, quando dois ou mais originais são incorporados em uma nova versão, sinaliza a autonomia do gesto receptivo e recupera um viés tradutório caro aos poetas dramáticos romanos, Plauto e Terêncio, este último quem cunhou o termo *contaminari*. A tradução ganha novos sentidos e formatações que respondem ou que intentam provocar uma resposta do seu público imediato, renovando e assimilando vorazmente sua fonte na perspectiva do novo meio.

A concepção da tradução como adaptação, o que parece estar subjacente à boa parte dos artigos desta primeira subseção, é algo que ganha mais amplo tratamento no trabalho de João Batista Toledo Prado, da Universidade Estadual Paulista, “*The Giz-en-Scene Group: account of an experience in dramatized readings of Classical texts*”. Trata-se de um texto também em inglês, resultado de uma apresentação em evento internacional, tal qual no caso de Gonçalves, e que busca(va) divulgar as atividades do Grupo Giz-en-Scène de leituras dramatizadas para um público mais amplo. Partindo da exploração do conceito de anacronismo, como pensado por Nicole Loraux, e de adaptação, com aportes da filosofia da linguagem de Saussure, Ricoeur e Fontanille, Prado procura refletir sobre a prática de “tradaptação” de textos para contextos dramáticos. Para tanto, sistematiza em cinco operações (adição, subtração, comutação, compreensão e adequação a registro sócio-linguístico), alguns métodos de reenunciação empregados pelo grupo, oferecendo complementarmente um leque de exemplos de algumas soluções engenhosas, e tantas vezes inventivas ou experimentais, encontradas no córpus de peças produzidas pelo Grupo.

Fugindo ao gênero dramático, mas não menos voraz, fecha esta primeira parte do número temático “A transcrição leminskiana do *Satyricon*, de Petrônio: Poemas”, de Livia Mendes Pereira, da Universidade Estadual de Campinas, que trata das traduções de Paulo Leminski a fragmentos poéticos da primeira parte do romance petroniano. Chamando atenção para a apropriação que o poeta paranaense faz de preceituário teórico de Pound e dos Campos, a análise dos poemas sinaliza 1) as liberdades de Leminski nesse romance marginal a partir da obra latina; 2) a tal ponto que resultam outros poemas com reminiscências de seu original. Não deixa de ser um gesto devorador e antropófago este que encerra a presente seção.

Urbanidade

Esta segunda subseção, que sistematizo sob o signo da “urbanidade”, acolhe textos que intentam, mais do que sobrelevar diferenças, aderir a uma recepção que chamaria, aproveitando a metáfora diplomática tão cara aos estudos da tradução, de conciliatória, na qual o estrangeiro é acolhido na língua/cultura de chegada como se fosse já um antigo comensal ou companheiro. São apreensões do passado em um espectro amplo que vai de traduções a apropriações criativas do legado clássico, quando uma reminiscência clássica é subsumida sob um viés ficcional. À exceção do último texto, que tratará de poesia dramática, os artigos abordam gestos receptivos de/em literatura em prosa (Retórica, História e Romance), o que lhes empresta mais um dado de unidade nesta série.

Abre-se esta subseção com a versão que o próprio Cícero propõe dos estandartes da retórica precedente. Eduardo da Silva de Freitas, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, apresenta, em “Platão, Isócrates e Aristóteles no *De oratore*, de Cícero”, o modo conciliatório com que Cícero transferiu o legado retórico grego

para o contexto romano. O texto pontua, bastante didaticamente, as concepções dos preceitos gregos e a unidade a que Cícero os submeteu, no *De oratore*. Nessa transposição, fica evidente a índole dos preceitos tradutórios dos latinos, de que o Arpinate é um dos precursores, expressando o sistema helênico em termos aptos à sua cultura e a seus costumes.

Saltando da Antiguidade, para o século XVIII, o artigo “*De verbo ad verbum*: reflexões setecentistas acerca dos modos de traduzir nos textos liminares da *Arte Histórica* de Luciano Samossateno”, de Milena Pereira Silva e Marcello Moreira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), oferece uma análise produtora das dedicatórias e prefácios de *Arte Histórica*, uma singular edição do autor grego que apresenta duas traduções: uma em sentido mais literal, outra mais livre, de autoria de dois diferentes tradutores. Além do que versam os textos, que apresentam as traduções, os autores do artigo abordam os elementos retóricos e formulares da obra na sua dedicatória ao Conde de Ericeira, que, ao fim desses pré-textos, tece, também ele, o homenageado, seu parecer bastante benevolente às duas traduções, ponderando sobre seu valor para diferentes tipos de leitores. O artigo apresenta uma análise filológica bastante competente desses elementos pré-textuais que compõem, tomados em absoluto, como historicamente ocorre com o preâmbulo de traduções ao menos desde Cícero, uma contribuição fundamental para a História da Tradução em Portugal, marcadamente no século XVIII, mas também levanta elementos que estão no cerne dos debates tradutórios na nossa contemporaneidade.

Leonardo Francisco Soares, da Universidade Federal de Uberlândia, no artigo “Dossiê I. K.: Ismail Kadaré e a questão homérica”, coloca sob perspectiva a recriação romanesca do trabalho revolucionário de Milman Parry e Albert B. Lord sobre a transmissão oral dos poemas homéricos. Partindo de uma revisão da conhecida Questão Homérica, o autor demonstra como o romance acaba por reencenar a história da(s) descoberta(s) como uma ressignificação de seus próprios personagens, imitados dos filólogos anglo-saxões. Ao estudarem as narrativas orais, os personagens-filólogos são como que homerizados e se tornam exemplos/provas do próprio método que investigam. Nesse sentido, a criação de Kadaré oferece uma versão metafórica do trabalho filológico, romaneando os desenvolvimentos da recepção de Homero na metade do século XX e oferecendo assim uma leitura singularíssima do tema.

Em semelhante veio labiríntico e romanesco, mas em chave filosófica mais que filológica, encontra-se o artigo de Gustavo Ponciano Cunha de Oliveira, da Universidade Federal de Goiás, “Quiça cético: Borges e a estética do assombro”. O pesquisador enfrenta um conjunto de referências e alusões a filósofos céticos, tais como Agripa e Sexto Empírico, presentes na obra borgiana, procurando argumentar em favor de uma estética do assombro que pode ser uma pista interessante para investigar o tipo peculiar de literatura fantástica protagonizada pelo autor argentino.

Como no artigo sobre Kadaré, ganha centralidade a recepção da Antiguidade, ou de interpretações da Antiguidade, a partir de um ponto de vista ficcional, no qual o estrangeiro se torna fonte criativa acolhido no cânone literário da língua/cultura de chegada.

No artigo “As mortes dos habitantes de Tebas em *Édipo* de Sêneca”, Cíntia Martins Sanches, da Universidade Estadual Paulista, oferece um ensaio de leitura semiótica de um passo da tragédia, atenta à isomorfia de conteúdo e expressão concretizada pela sucessão de figuras retórico-poéticas, bem como por aparato fono-estilístico, que o tragediógrafo latino constrói na superfície de seus trímetros iâmbicos. Segundo a autora, o resguardo do nível semiótico do texto, de suas estruturas significativas de som e sentido, favorece a tradução e garante uma certa equivalência de gênero e de estilo. A experiência de traduzir um poeta antigo munido com o arsenal teórico do século XX, voltando-se sobretudo ao desvendamento de sua estrutura poética, parece garantir, nos termos da autora do artigo, uma certa aproximação do texto de partida com o texto de chegada. A tradutora se pauta mais pela equivalência do todo do que pelas suas diferenças e singularidades. Trata-se de uma visão de tradução por afinidades eletivas que teve e tem larga vigência entre nós, o que denota quase um consenso – e, por isso, cheio de urbanidade – de que os textos podem na totalidade mesmo díspar de suas manifestações linguísticas se equipararem, o que oferece um bom exercício prático digno de encerrar esta seção.

Alteridade

A alteridade, que o texto clássico atualiza no bojo de sua estrutura linguística e cultural, merece um gesto de recepção dos mais respeitosa e lúcida. O esclarecimento, a ilustração, do crítico é capaz de elucidar, fazer compreender, o desafio apresentado em outra língua e em outro contexto de produção. Para tanto, interpretar o saber próprio dos antigos, significa um gesto de inteligência à luz do próprio sistema de significação do outro. Está intrínseca à obra e à cultura, que a viu fulgurar, a chave para recebê-la propriamente.

É de Antonio Ruiz Castellanos o primeiro ensaio sob esse prisma. Partindo do compartimento retórico da *intelectio* ou *noêsis*, o acadêmico espanhol da Universidade de Cádiz apresenta uma leitura bastante translúcida dos controversos hexâmetros de Lucrécio (RN 44-148), para cuja interpretação muitos críticos interpõem severas transposições e reordenamentos dos versos latinos. Castellanos oferece uma interpretação do texto a partir do *schema* da retórica antiga, o que resulta no desvendamento da estrutura engendrada pelo poeta-filósofo romano, reafirmando sua integridade e a digníssima *dispositio* do texto que chegou até nossos dias.

Já o artigo de María Cecilia Colombani, da Universidade de Morón (Buenos Aires-Argentina), procura uma reflexão antropológica, no sentido de Gernet com

aportes de estudos de Vegetti, sobre a configuração do sagrado na Grécia arcaica e, para isso, percorre algumas passagens fundamentais de *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo. O artigo, seguindo uma tradição exegética bastante tradicional dentro dos Estudos Clássicos, procura desvendar, pela leitura das fontes primárias hesiódicas, a formação do sistema religioso grego sob as instâncias do divino e do humano, de modo a realçar o seu distanciamento de disposições posteriores. Trata-se de um trabalho de fôlego e que, certamente, contribui para a tradição de leitura desse grande poeta grego que tem merecido inúmeros estudos e translados contemporâneos.

Pautando-se também pela leitura e intepretações dos documentos antigos que são os poemas que constituem o córpus ovidiano, Júlia Batista Castilho de Avellar, da Universidade Federal de Minas Gerais, no seu artigo “O poeta como leitor de sua obra: a recepção de Ovídio nos *Tristia*”, constrói um ensaio sobre a recepção de Ovídio por ele mesmo, ou seja, mostra como em *Tristia*, seu primeiro poema do exílio, o poeta reinterpreta suas obras anteriores, especialmente *Metamorphoses* e *Ars amatoria*, à luz do novo contexto biblio-biográfico em que está inserido. O artigo tem a virtude de confrontar interpretações ditas biografistas e aquelas que chamaríamos hoje de imanentistas, configuradas pela própria *persona* poética e condicionadas à sua autodefesa de que *Tristia* é um pungente exemplar.

Encerram esta subseção, na perspectiva da alteridade, dois artigos que abordam a obra de um relegado poeta latino, o satírico Aulo Pérsio Flaco. Fruto de um período de revisitação e subversão da literatura romana precedente, como é aquele do principado de Nero, o breve, mas potente, livrinho das *Saturae* é digno desse resgate que esses dois artigos realizam. Chegou a vez de reler Pérsio e retraduzi-lo como peça fundamental para entender a transformação do público e do gosto literário que teve lugar a partir do século I. d. C. É a vez de apreciá-lo oferecendo um aparato crítico e tradutório dignos de sua singularidade.

No artigo “Releitura da tradição nas *Sátiras* de Pérsio”, Marihá Barbosa e Castro e Leni Ribeiro Leite, da Universidade Federal do Espírito Santo, apresentam uma introdução à obra de Pérsio a partir de uma leitura atenta à tradição da Sátira romana, que recobra Lucílio e Horácio, explorando três instâncias, uma pragmática e duas temáticas: a delimitação da audiência, a reconfiguração da *libertas* e da *latinitas* no contexto de produção do livro. O artigo tem a qualidade de oferecer ao leitor, que desconhece Pérsio, importantes aparatos interpretativos tanto em face da sua relação com o gênero, quanto em face do ambiente cultural imediato. Propondo um tratamento menos generalizante e mais *verbatim*, Fábio Paifer Cairolli, da Universidade Federal Fluminense, oferece, no derradeiro artigo desta seção temática, “Um novo olhar sobre Pérsio”, uma versão poética da primeira sátira do livro, pela qual é possível entrever as dificuldades e os artifícios do texto que intrigou, e ainda intriga, seus leitores. Cairolli, em seu arguto comentário, demonstra a propriedade de Pérsio em relação ao gênero, o que lhe tornou um modelo também para Juvenal, seu sucessor, e o traduz de modo a preservar a engenhosidade de seu

texto em que várias vozes e versos próprios e alheios se misturam, se saturam, no pleno desenvolvimento do que seja *Satura*.

Na seção *Varia*, que colige artigos de tema mais amplo submetidos a *Itinerários: Revista de Literatura*, encontram-se três textos que não deixam de explorar, a seu modo, questões de recepção literária e de tradução, mas neste caso fugindo à esfera das Letras Clássicas. Erica Milaneze, da Universidade Estadual de Campinas, explora a obra de Stéphane Mallarmé a partir da releitura do poeta e crítico Jean-Michel Maulpoix, e reflete sobre os desdobramentos do conceito de lirismo na contemporaneidade. Segue-se ao dela o artigo de Rosalia Rita Evaldt Pirolli, da Universidade Federal do Paraná, que apresenta uma análise da personagem Molly Bloom de *Ulysses*, de Joyce, evidenciando sua complexa função no romance. E, por fim, Wany Bernardete de Araujo Sampaio e Larissa Gotti Pissinatti, da Universidade Federal de Rondônia, oferecem sua importante contribuição para o crescente campo de pesquisa sobre literatura do povo surdo; ao abordar o tipo de adaptação e o *ethos* discursivo que se busca alcançar com a obra *Patinho surdo*, as autoras demarcam o espaço da literatura surda no campo literário.

Este número 45 de *Itinerários: Revista de Literatura* revista se completa com a resenha de autoria de Vivian Gregores Carneiro Leão Simões, da Universidade Federal de Roraima, sobre a obra *Da agricultura*, de Catão, traduzida por Matheus Trevizam, lançada em 2016.

Brunno V. G. Vieira



